

OS GÊNEROS NARRATIVOS INFANTO-JUVENIS

META

Conhecer e produzir textos infanto-juvenis de variados gêneros.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

realizar leitura crítica de textos infanto-juvenis do gênero narrativo;
produzir (criar) textos infanto-juvenis de variados gêneros;
infanto-juvenis de variados gêneros literários.

PRÉ-REQUISITOS

Para esta aula você precisa ter noções básicas de teoria literária, além disso, você precisa conhecer os variados gêneros da literatura infantil e juvenil abordados na aula anterior.

INTRODUÇÃO

Costuma-se classificar como literatura infantil o que se escreve para as crianças. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma literatura infantil *a priori*, mas a posteriori. Apesar de serem obras que transmitem um conteúdo escolhido pelo adulto com seus pontos de vista de adulto e que ele considera interessantes para a criança, e numa linguagem que considera adequada à compreensão dela. Ele inventa uma forma e um estilo para estimular a criança a aceitar e cumprir de modo não questionador, o que ele deseja. De qualquer forma, o ideal será classificar a obra infantil pela escolha da criança, observando o que ela prefere ler. “Poderia ser um livro rico de ilustrações, capas coloridas com assunto de aniversários e festas ou simplesmente escrito sem figuras extravagantes ou promessas irresistíveis. Basta que seja capaz de seduzir seu pequeno ou jovem leitor, que o guardará na alma e na mente para toda a vida.” Assim opina Cecília Meireles, também defensora do respeito à liberdade e ao direito de escolha desse pequeno leitor, em sua obra *Problemas de literatura infantil*, 1984.

O estudo sobre os gêneros em literatura inicia-se na *Poética* de Aristóteles. Aliás, toda a obra parece resumir-se na observação e análise da produção literária grega antiga e na sua contemporânea, descrevendo-a, discutindo sua constituição poética e até “prescrevendo” fórmulas ou modelos de criação mimética, a partir daquelas obras que examinava.

Lendo a *Poética* e observando a realidade daquela época, pode-se ver que Aristóteles escolheu para ministrar seus cursos-aulas (ele era professor) a produção escrita e consagrada, autoral e representativa dos valores da classe dominante.

Durante o Classicismo moderno, Classicismo (Renascimento), Barroco e Arcadismo os estudos sobre os gêneros intensificaram-se, e cada época procurou compreendê-los e explicá-los conforme sua visão de mundo e seus interesses. Modernamente reconhecem-se três gêneros literários, cada um dividido em formas e espécies.

As formas narrativas da oralidade – populares, simplórias, infantis, expressão de excluídos, não foram contempladas pelos estudos do grande filósofo, fundador da Teoria Literária no ocidente. Seguindo a tradição, as obras de hoje, preocupadas com estudos literários, também não têm essa produção “popular” como centro de preocupações teóricas e culturais. Recentemente observa-se um movimento em direção à inclusão do estudo desse material nas escolas, numa tentativa de que façam parte do currículo, do programa de ensino ou proposta pedagógica, ao lado da produção chamada culta, ou erudita, ocupando o mesmo espaço de importância, e com mais merecimento, afinal, esta é a real “voz” da comunidade (sociedade), nesses tempos de inclusão...

Mas, vamos ao presente, enfrentando suas contradições e possibilidades, com a disposição de quem, por vontade, vocação, sonho ou por força das circunstâncias, optou por licenciatura em Letras! Um caminho sem volta, em que quando ela (a volta) ocorre, a pessoa consome-se na nostalgia da perda de um pedaço de si.

Como diz Aristóteles no início da Poética, seu propósito é falar de **poesia** (literatura). Dela e de suas espécies. Diz, então, que há uma poesia citarística (lírica) que nasce associada à música e cuja realização subordina-se ao acompanhamento de um instrumento musical – a cítara, e pode ser executada por uma pessoa (mélica monódica) ou por um grupo (mélica coral). Desse último tipo originou-se o teatro na Grécia.

Para o mesmo autor o gênero (modo) é conjunto de obras que se relacionam pelo modo comum de existir: sua estruturação, sua tematização, sua elocução (linguagem) e suas intenções pedagógicas e éticas. O modo lírico (citarista)

Aristóteles segue estabelecendo os modos de realização dessas formas poéticas, classificando-as em:

- Modo trágico: a forma da tragédia: ação de pessoas “melhores” do que são na realidade
- Modo épico: a forma da epopéia: homens melhores, heróis, semideuses
- Modo citarístico: a forma da poesia cantada e acompanhada por instrumento musical, como foi dito acima.

Cada modo (gênero) apresenta características específicas na estruturação, na temática e na linguagem, e nos compromissos éticos que tem com a comunidade. Assim, nascem os estudos de literatura interessados na forma que a poesia assumia para dizer a vida e o homem, histórica e universalmente situados.

A Teoria Literária reconhece hoje três gêneros literários: o lírico, o épico, e o dramático. Cada um tem suas próprias formas – características estruturais, linguísticas/estilísticas e temáticas, articuladas a partir do modo como o escritor “vê” o mundo, do que pretende dizer ao leitor e do modo como deseja fazer isso. Assim, o gênero lírico exprime um estado de alma. É expressão de emoções, disposições psíquicas, concepções e reflexões. Seu ponto de partida é a manifestação verbal de uma emoção, por isso o lírico é a expressão da subjetividade. Na experiência lírica anula-se a distância entre o sujeito e o objeto (o eu e o mundo). Dá-se a evocação do mundo (natureza, objeto, situações) para exprimir a emoção (tristeza, alegria, solidão, amor, ódio) da alma. Por exemplo, a chuva no poema pode funcionar como metáfora da alma que chora, manifestando de modo direto e imediato uma emoção, com o máximo de intensidade expressiva, por meio da concentração verbal, do ritmo e da musicalidade das palavras e dos versos.

Poesia

Naquele tempo dava-se o nome de poesia a toda produção literária.

O estado lírico associa o presente ao passado, por meio do tempo verbal, que é um tempo capaz de atualizar um momento “eterno”, por isso intemporal. No lírico, todos os elementos e situações se unem para expressar um estado interior. Um modo altamente subjetivo de ver e dizer o existente.

O gênero épico (narrativo) na forma de poema narrativo ou em prosa tem grande extensão em que um narrador apresenta (narra) personagens envolvidas em situações e eventos. Origina-se nas narrativas orais e populares, e traz a presença do “maravilhoso” por meio da atuação de deuses e fatos sobrenaturais. Exalta o passado genealógico quando faz a narrativa de origem (mítica). A narração desdobra-se em sujeito (o narrador) e objeto (o mundo narrado); sob a onisciência do narrador, cuja visão de mundo é maior do que a das personagens. Há a presença do herói (narrativa antiga, na moderna é o anti-herói) que representa arquétipos (modelos) de força e virtudes excepcionais, por isso são idealizados.

A linguagem épica ou narrativa caracteriza-se pelo gosto do detalhe, com divagações, narrações detalhadas e prolixas. Não apresenta tensão porque o interesse narrativo está nas partes, e não no todo. O herói (antigo) se sobressai por sua nobreza, ou excelência nos combates; por sua astúcia, religiosidade ou beleza. Nas epopéias clássicas (greco-latinas): os heróis da obra de Homero – *Iliada* e *Odisséia*; da obra de Virgílio – *Eneida*. No séc. XVII Os Lusíadas, e modernamente a narrativa romanesca.

As narrativas distinguem-se pela temática, pelas personagens, pelos efeitos.

Pela temática: cotidiano, aventura, sentimentos, relações familiares, ficção científica, policial, religiosidade, ecologia e questões sociais.

Pelas personagens: fadas, animais, crianças, jovens, adultos, extraterrestres.

Pelos efeitos: suspense, humor, terror e lirismo. Esses efeitos são sentidos pelo leitor no momento da leitura, quando se estabelece uma relação de troca de conhecimentos e construção de novos sentidos. Por exemplo: terror: *Contos de Enganar a Morte* (Ricardo Azevedo); humor: *O Bichinho da Maçã* (Ziraldo); lirismo: *Uma Idéia Toda Azul* (Marina Colasanti), *Os Colegas* (Lygia Bojunga).

A professora Nelly Novaes Coelho explica que o gênero narrativo (o que nos interessa agora) “[...] diversifica-se em 3 formas básicas: conto, novela ou romance. Sua escolha pelo autor nunca é gratuita ou casual. Obedece à visão de um mundo que ele pretende transmitir ao leitor; e corresponde a estruturas distintas” (COELHO: 1997, p. 67-68.)

O GÊNERO DRAMÁTICO

Essa classificação é moderna, e reúne a concentração da lírica com a maior extensão da épica. A ação dramática acontece no presente, mesmo quando referencia o passado. É como se o fato tornasse a acontecer diante do espectador. É uma forma marcada pela presença do diálogo (conversa) que cria uma tensão ou conflito estrutural. A ação transcorre num tempo

linear e sucessivo, e quando precisa retornar ao passado, utiliza-se do **flash back**. É um gênero que se completa verdadeiramente no palco, diante de um público que ouve e vê seus valores em cena, de modo contestador ou que confirma a realidade. Modernamente se diz: distanciando-se ou reconhecendo (aceitando) aquela expressão poética da realidade. Exemplo: Teatro de Maria Clara Machado, *Pluft, O fantasminha camarada*, *A bruxinha que era boa*, *O rapto da cebolinha*.

Algumas obras tiveram a força de encantar seus pequenos e jovens leitores de uma época determinada, e que ainda hoje conseguem emocionar e arrastar seu leitor para um cantinho isolado na escola ou em sua casa, para realizar sua fantasia naquele encontro mágico entre ele e a palavra poética. E se a obra foi escolhida pela criança ou pelo jovem por alguma coisa que lhe despertou o interesse, deve fazer parte do acervo de bibliotecas e salas de leitura.

[...] “só nesses termos interessa falar de Literatura Infantil. O que a constitui é o acervo de livros que, de século em século e de terra em terra, as crianças têm descoberto, têm preferido, têm incorporado no seu mundo, familiarizados com seus heróis, suas aventuras, até seus hábitos e sua linguagem, sua maneira de sonhar e suas glórias e derrotas.”

(MEIRELES, Cecília. Problemas da Literatura Infantil. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.)

Cecília Meireles já propunha o gosto do leitor como critério natural da seleção da leitura.

Vamos ver algumas informações sobre os gêneros narrativos na literatura infanto-juvenil, inicialmente.

OS GÊNEROS NARRATIVOS NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Há um conjunto de textos (obras) que têm em comum uma temática voltada para o mundo da criança (apesar de veicular interesses do mundo adulto), uma matéria literária ligada ao sonho, à fantasia, ao maravilhoso, ao mágico, ao fantástico, à fabulação, ao desempenho de animais na trama das histórias, jogo entre a realidade e a fantasia etc. Costumamos chamar de gêneros da literatura infantil e juvenil. São formas variadas da expressão infantil, produzidas por adultos, e que não pretendiam dirigir-se à criança, mas às pessoas em geral.

Entre essas formas apresentamos o conto (de fada ou não), a fábula, mito, lenda, apólogo, novela, crônica (moderno) e as narrativas mistas que englobam elementos de outros gêneros. Hoje esses gêneros textuais são lidos e trabalhados nas escolas de Ensino Fundamental. Espaço onde a criança e o jovem não só conhece essa produção como tem oportunidade de produzir seus próprios textos, a partir dos gêneros textuais estudados.

Flash back

Em literatura o flash back é uma técnica narrativa.

A fábula: forma literária antiga da cultura Greco-latina (*Esopo e Fedro*). No século XVII o escritor La Fontaine retomou a produção de gênero na França, sem a intenção de destiná-lo às crianças. Mas elas se identificaram com as histórias narradas e com os elementos da matéria social: presença de animais e cunho moralizante. *As Fábulas*, de La Fontaine são escritas em verso e constituem excelente poesia. Vieram da produção cultural popular e assumiram o status de alta literatura com teor filosófico.

O Conto: narrativa curta, sintética com uma única ação. A forma foi sempre aproveitada pela literatura infantil e juvenil. Nesse gênero há várias modalidades, conforme os assuntos tratados ou conforme o modo de abordar a realidade.

Relato de um acontecimento; narração oral ou escrita de um acontecimento fictício; fábula que se conta às crianças. As três acepções têm em comum o modo de contar alguma coisa. Pode-se distinguir: conto literário: criado a partir da intenção de torná-lo literário, através de procedimentos e artifícios criativos que se articulam na linguagem; e conto maravilhoso: popular, folclórico ou fantástico, marcado pela oralidade e de criação espontânea. Tipo que o pesquisador André Jolles inclui no que chama de “formas simples”; relato de um acontecimento comum feito com simples intenção informativa.

Contos maravilhosos: narrativa com ou sem fadas. Apresentam uma visão mágica da realidade, rompe com a ordem natural e adota outras normas: caráter mágico, elementos pertencentes ao plano do maravilhoso, não há surpresa nem hesitação do leitor em face da nova ordem, é aceito naturalmente. Traz a marca do “Era uma vez...” tem caráter simbólico: realização de sonhos e fantasias e questionamentos da realidade. O ponto de partida do relato pode ser o mundo material o mágico.

Lenda: a lenda é uma narrativa oral e faz parte do folclore de uma sociedade. É criada para explicar fenômenos que a comunidade não consegue nacionalmente entender. É marcada pelo domínio do maravilhoso e sua matéria se alimenta do imaginário popular.

A LENDA DA VITÓRIA RÉGIA

Os pajés tupis-guaranis, contavam que, no começo do mundo, toda vez que a Lua se escondia no horizonte, parecendo descer por trás das serras, ia viver com suas virgens prediletas. Diziam ainda que se a Lua gostava de uma jovem, a transformava em estrela do Céu. Naiá, filha de um chefe e princesa da tribo, ficou impressionada com a história. Então, à noite, quando todos dormiam e a Lua andava pelo céu, Ela querendo ser transformada em estrela, subia as colinas e perseguia a Lua na esperança que esta a visse.

E assim fazia todas as noites, durante muito tempo. Mas a Lua parecia não notá-la e dava para ouvir seus soluços de tristeza ao longe. Em uma noite, a índia viu, nas águas límpidas de um lago, a figura da lua.

A pobre moça, imaginando que a lua havia chegado para buscá-la, se atirou nas águas profundas do lago e nunca mais foi vista.

A lua quis recompensar o sacrifício da bela jovem, e resolveu transformá-la em uma estrela diferente, daquelas que brilham no céu. Transformou-a então numa "Estrela das Águas", que é a planta Vitória Régia. Assim, nasceu uma planta cujas flores perfumadas e brancas só abrem à noite, e ao nascer do sol ficam rosadas.

(Fonte: <http://sitededicadas.uol.com.br/folk11.htm>).

A lenda da vitória-régia, "demonstra um cuidado especial com a qualidade literária de seu texto, o que nem sempre se pode observar em grande parte dos textos recolhidos nas pesquisas folclóricas". A poeticidade com que narra a triste história da índia Naiá combina perfeitamente com as ilustrações.

Graça Monteiro de Castro, até mesmo comenta: "O projeto gráfico do livro foi concebido considerando a atmosfera e o tema abordado pelo conto, todo em negro, lembrando a escuridão das noites, e o ilustrador nos remete à magia noturna com imagens densas e fortes". (MEC/SEF. HISTÓRIAS E HISTÓRIAS: Guia do Usuário do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE/99. Brasília: 2001).

A narrativa enfoca problemas de grupos sociais, e tem como personagens seres humanos. Ela pode explicar a origem de alguma coisa ou fenômeno da natureza. Por exemplo: *lenda da mandioca*, da *Vitória Régia*, *Negrinho do Pastoreio*, *Boto*, *Mula-sem-cabeça*, e muitos outros.

Mito: um relato, um totem, um elemento ou um ser, ou um modelo de experiência de vida a quem se presta um culto. Como narrativa, o mito se relaciona com a literatura, pois apresenta a mesma estrutura narrativa: um narrador conta uma história a alguém. A história de suas personagens em uma determinada circunstância, em um lugar, em um certo momento (tempo) e em tal ambiente. Por exemplo o mito da origem de alguma coisa. O mito da origem da terra e de alguns deuses, pode ser um bom exemplo.

O mito se exprime, então, através da narração, através dela conta-se como, graças as façanhas dos Seres Sobrenaturais, uma realidade veio a existência, seja esta a realidade total, o cosmos, ou somente um fragmento. (Eliade: 1968, p. 18). É um evento fabuloso, fictício, mas é também uma verdade humana. O poeta Fernando Pessoa diz que "O mito é o nada que é tudo" em seu poema Ulisses. Na verdade o mito é uma forma de explicar (e justificar) a própria existência. É uma verdade e uma necessidade humanas.

HISTÓRIA DO CÉU E DE CRONO

Quantos da Terra e do Céu nasceram,
filhos os mais temíveis, detestava-os o pai
dês o começo: tão logo cada um deles nascia
a todos ocultava, à luz não os permitindo,
na cova da Terra. Alegrava-se na maligna obra
o Céu. Por dentro gemia a Terra prodigiosa
atuhlada, e urdiu dolosa e maligna arte.
Rápida criou o gênero do grisalho aço,
forjou grande podão e indicou aos filhos.
Disse com ousadia, ofendida no coração:
“Filhos meus e do pai estólido, se quiserdes
ter-me fé, puniremos o maligno ultraje de vosso
pai, pois ele tramou antes obras indignas”.
Assim falou e a todos reteve o terror, ninguém
vozeou. Ousado o grande Crono de curvo pensar
devolveu logo as palavras à mãe cuidadosa:
“Mãe, isto eu prometo e cumprirei
a obra, porque nefando não me importa o nosso
pai, pois ele tramou antes obras indignas”.
Assim falou. Exultou nas entranhas Terra prodigiosa,
colocou-o oculto em tocaia, pôs-lhe nas mãos
a foice dentada e inculcou-lhe todo o ardil.
Veio com a noite o grande Céu, ao redor da Terra
desejando amor sobrepairou e estendeu-se
a tudo. Da tocaia o filho alcançou com a mão
esquerda, com a destra pegou a prodigiosa foice
longa e dentada. E do pai o pênis
ceifou com ímpeto e lançou-o a esmo
para trás. Mas nada inerte escapou da mão:
quantos salpicos respingaram sanguíneos
a todos recebeu-os a Terra; com o girar do ano
gerou as Erínias duras, os grandes Gigantes
rútilos nas armas, com longas lanças nas mãos,
e Ninfas chamadas Freixos sobre a terra infinita.
O pênis, tão logo cortando-o com o aço
atirou do continente no undoso mar,
aí muito boiou na planície, ao redor branca
espuma da imortal carne ejaculava-se, dela
uma virgem criou-se. Primeiro Citera divina
atingiu, depois foi à circunfluída Chipre
e saiu veneranda bela Deusa, ao redor relva
crescia sob esbeltos pés. A ela. Afrodite
Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citeréia
apelidam homens e Deuses, porque da espuma

criou-se e Citeréia porque tocou Citera,
Cípria porque nasceu na undosa Chipre,
e Amor-do-pênis porque saiu do pênis à luz.
Eros acompanhou-a, Desejo seguiu-a belo,
tão logo nasceu e foi para a grei dos Deuses.
Esta honra tem dê o começo e na partilha
coube-lhe entre homens e Deuses imortais
as conversas de moças, os sorrisos, os enganos,
o doce gozo, o amor e a meiguice.
O pai com o apelido de Titãs apelidou-os:
o grande Céu vituperando filhos que gerou
dizia terem feito, na altiva estultícia,
grã obra de que castigo teriam no porvir.

(HESÍODO. TEOGONIA: A ORIGEM DOS DEUSES. Tradução
Jaa Torrano. São Paulo: Editora ILUMINURAS, 1995.)

A novela: forma narrativa bem menor que o romance e maior que o conto, mas seus componentes estruturais são os mesmos do romance. A narrativa se concentra nas ações, muito mais que nas personagens, o enredo é unilinear. Apresenta situações humanas excepcionais. Atualmente, a novela não está preocupada especialmente com episódios; está próxima dos procedimentos do romance – praticando a introspecção da personagem, por exemplo. (colocar exemplo).

A crônica: diz que a crônica é um “testemunho do nosso tempo”. Na Idade Média a crônica era uma relação de acontecimentos organizada cronologicamente. No séc. XIV, Fernão Lopes, cronista português, já lhe conferiu um aspecto interpretativo. No séc. XVI, o termo é substituído por história. A partir do séc. XIX, ela adquire caráter literário, e caracteriza-se por captar um flagrante da vida, uma espécie de flash da realidade. É assim, bem relacionada ao tempo. Suas personagens tanto podem sair da vida real, como da própria ficção. Estruturalmente, não contém conflito – solução do conto literário moderno. “E enquanto literatura, ela capta poeticamente o instante, perenizando-o”. (A. Soares: 2000, p. 64)

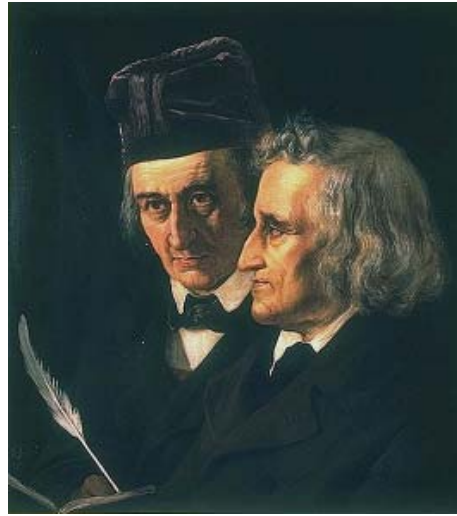
Irmãos Grimm

1. Conto de fada

Os irmãos Grimm (em alemão Brüder Grimm), Jacob e Wilhelm Grimm, nascidos em 4 de Janeiro de 1785 e 24 de Fevereiro de 1786, respectivamente, foram dois alemães que se dedicaram ao registro de várias fábulas infantis, ganhando assim grande notoriedade. Também deram grandes contribuições à língua alemã com um dicionário (*O Grande Dicionário Alemão - Deutsches Wörterbuch*)



Cinderela (Fonte: http://www.2.bp.blogspot.com/_PBG_osbwBL4S-G726LTUmI-AAAAAAAAAPQ0qT_IXhumSgs320cinderela008.jpg).



Irmãos Grimm

CINDERELA

Conto dos Irmãos Grimm

Era uma vez um homem cuja primeira esposa tinha morrido, e que se casara novamente com uma mulher muito arrogante. Ela possuía duas filhas que separeciam em tudo com ela.

O homem tinha uma filha de seu primeiro casamento. Era uma moça meiga e bondosa, bem semelhante a sua mãe. A nova esposa mandava a jovem fazer os serviços mais sujos da casa e dormir no sótão, enquanto as “irmãs” dormiam em quartos com chão encerado. Quando o serviço da casa estava terminado, a pobre moça sentava-se junto à lareira, e sua roupa ficava suja de cinzas. Por esse motivo, as malvadas irmãs zombavam dela. Embora Cinderela tivesse que vestir roupas velhas, era ainda em vezes mais bonita que as irmãs, com seus vestidos esplêndidos.

O rei daquele país organizou um baile para que seu filho escolhesse uma esposa, e enviou convites para todas as pessoas importantes do reino e para as moças em idade de casamento. As duas irmãs ficaram muito contentes quando receberam o convite e só pensavam na festa. Cinderela ajudava. Ela até lhes deu os melhores conselhos que podia e se ofereceu para arrumá-las. As irmãs zombavam de Cinderela, dizendo que ela nunca poderia ir ao baile. Finalmente o grande dia chegou. A pobre Cinderela viu a madrasta e as irmãs saírem numa carruagem em direção ao palácio; em seguida, sentou-se perto da lareira e começou a chorar.

Apareceu diante dela uma fada, que disse ser sua fada madrinha, que ao ver Cinderela chorando, perguntou:

“Você gostaria de ir ao baile, não é?”

“Sim”, suspirou Cinderela.

“Bem, eu posso fazer com que você vá ao baile”, disse a fada madrinha - e deu umas instruções esquisitas à moça: “Vá ao jardim e traga-me uma abóbora.”

A fada madrinha esvaziou a abóbora até ficar só a casca. Tocou-a com a varinha mágica e a abóbora se transformou numa linda carruagem dourada!

Em seguida, a fada madrinha transformou seis camundongos em cavalos lindos. Escolheu também o rato de bigode mais fino para ser o cocheiro mais bonito do mundo. Então, ela disse a Cinderela: “Olhe atrás do regador. Você encontrará seis lagartos ali. Traga-os aqui.”

Cinderela nem bem acabou de trazê-los e a fada madrinha transformou-os em lacaios. Eles subiram atrás da carruagem, com seus uniformes de gala, e ficaram ali como se nunca tivessem feito outra coisa na vida.

Quanto a Cinderela, bastou um toque da varinha mágica para transformar os farrapos que usava num vestido de ouro e prata, bordado com pedras preciosas. Finalmente, a fada madrinha lhe deu um par de sapatinhos de cristal.

Toda arrumada, Cinderela entrou na carruagem.

A fada madrinha avisou que deveria estar de volta à meia-noite, pois o encanto terminaria ao bater do último toque das doze badaladas. O filho do rei pensou que Cinderela fosse uma princesa desconhecida e apressou-se a ir dar-lhe as boas vindas. Ajudou-a a descer da carruagem e levou-a ao salão de baile. Todos pararam e ficaram admirando aquela moça que acabara de chegar. O príncipe estava encantado, e dançou todas as músicas com Cinderela.

Ela estava tão absorvida com ele, que se esqueceu completamente do aviso da fada madrinha. Então, o relógio do palácio começou a bater doze horas. A moça se lembrou do aviso da fada e, num salto, pôs-se de pé e correu para o jardim. O príncipe foi atrás mas não conseguiu alcançá-la. No entanto, na pressa, ela deixou cair um dos seus elegantes sapatinhos de cristal.

Cinderela chegou em casa exausta, sem carruagem e sem os lacaios, vestindo sua roupa velha e rasgada. Nada tinha restado do seu esplendor, a não ser o outro sapatinho de cristal. Mais tarde, quando as irmãs chegaram em casa, Cinderela perguntou-lhes se tinham

se divertido. As irmãs, que não tinham percebido que a princesa desconhecida era Cinderela, contaram tudo sobre a festa, e como o príncipe pegou o sapatinho que tinha caído e passou o resto da noite olhando fixamente para ele, definitivamente apaixonado pela linda desconhecida. As irmãs tinham contado a verdade. Alguns dias depois, o filho do rei anunciou publicamente que se casaria com a moça em cujo pé o sapatinho servisse perfeitamente.

Embora todas as princesas, duquesas e todo resto das damas da corte tivessem experimentado o sapatinho, ele não serviu em nenhuma delas. Um mensageiro chegou à casa de Cinderela trazendo o sapatinho. Ele deveria calçá-lo em todas as moças da casa. As duas irmãs tentaram de todas as formas calçá-lo, em vão.

Então, Cinderela sorriu e disse:

“Eu gostaria de experimentar o sapatinho para ver se me serve!”

As irmãs riram e caçoaram dela, mas o mensageiro tinha recebido ordens para deixar todas as moças do reino experimentarem o sapatinho. Cinderela sentouse e, para surpresa de todos, o sapatinho serviu-lhe perfeitamente! As duas irmãs ficaram ainda mais espantadas quando Cinderela tirou o outro sapatinho de cristal do bolso e calçou no outro pé.

Nesse momento, surgiu a fada madrinha, que tocou a roupa de Cinderela com a varinha mágica. Imediatamente os farrapos se transformaram num vestido ainda mais bonito do que aquele que havia usado antes.

A madrasta e suas filhas reconheceram a linda “princesa” do baile, e caíram de joelhos implorando seu perdão, por todo sofrimento que lhe tinham causado.

Cinderela abraçou-as e disse-lhes que as perdoava de todo o coração. Em seguida, no seu vestido esplêndido, ela foi levada à presença do príncipe, que aguardava ansioso sua amada. Alguns dias mais tarde, casaram-se e viveram felizes para sempre.

(Fonte: ESTÉS, Clarissa Pinkola. Contos dos Irmãos Grimm. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.)

2. Conto sem a presença da fada



Músicos de Bremen (Fonte: <http://www.marceloevelin.files.wordpress.com/2010/06/musicos-de-bremem1.jpg>).

OS MÚSICOS DE BREMEN

Adaptação do Livro Contos de Fadas

“Um homem tinha um burro que, há muito tempo, carregava sacos de milho para o moinho. O burro, porém, já estava ficando velho e não podia mais trabalhar. Por isso, o dono tencionava vendê-lo. O pobre animal, sabendo disso, ficou muito preocupado, pois não podia imaginar como seria seu novo dono... e então, para evitar qualquer surpresa desagradável, pôs-se a caminho da cidade de Bremen.

“Certamente, poderei ser músico na cidade”, pensava ele.

Depois de andar um pouco, encontrou um cão deitado na estrada, arfando de cansaço.

- Por que estás assim tão fatigado? perguntou o burro.

- Amigo, já estou ficando velho e, a cada dia, vou ficando mais fraco. Não posso mais caçar; por isso meu dono queria me entregar à carrocinha. Então, fugi, mas não sei como ganhar a vida.

- Pois bem, lhe disse o burro. Minha história é bem semelhante à sua. Vou tentar a vida como músico em Bremen. Venha comigo. Eu tocarei flauta e você poderá tocar tambor.

O cão aceitou o convite e seguiu com o burro. Não tinham andado muito, quando encontraram um gato, muito triste, sentado no meio do caminho.

- Que tristeza é essa, companheiro? lhe perguntaram os dois.
- Como posso estar alegre, se minha vida está em perigo? respondeu o gato. Estou ficando velho e prefiro estar sentado junto ao fogo, em vez de caçar ratos. Por esse motivo, minha dona quer me afogar.

- Ora, venha conosco a Bremen, propuseram os outros. Seremos músicos e ganharemos muito dinheiro.

O gato, depois de pensar um pouco, aderiu e acompanhou-os. Foram andando até que encontraram um galo, cantando tristemente, trepado numa cerca.

- Que foi que lhe aconteceu, amigo? perguntaram os três.

- Imaginem, respondeu o galo, que amanhã a dona da casa vai ter visitas para o jantar. Então, sem dó nem piedade, ordenou ao cozinheiro que me matasse para fazer uma canja.

Os outros, então, lhe propuseram:

- Nós vamos a Bremen, onde nos tornaremos músicos. Você tem boa voz.

Que tal se nos reunissemos para formar um conjunto?

O galo gostou da idéia e juntando-se aos outros seguiram caminho. A cidade de Bremen ficava muito distante e eles tiveram que parar numa floresta para passar a noite. O burro e o cão deitaram-se em baixo de uma árvore grande. O gato e o galo alojaram-se nos galhos da árvore.

O galo, que se tinha colocado bem no alto, olhando ao redor, avistou uma luzinha ao longe, sinal de que deveria haver alguma casa por ali. Disse isso aos companheiros e todos acharam melhor andar até lá, pois o abrigo ali não estava muito confortável.

Começaram a andar e, cada vez mais, a luz se aproximava. Afinal, chegaram à casa. O burro, como era o maior, foi até a janela e espiou por uma fresta. À volta de uma mesa, viu quatro ladrões que comiam e bebiam. Transmitiu aos amigos o que tinha visto e ficaram todos imaginando um plano para afastar dali os homens. Por fim, resolveram aproximar-se da janela. O burro colocou-se de maneira a alcançar a borda da janela com uma das patas. O cão subiu nas costas do burro. O gato trepou nas costas do cão e o galo voou até ficar em cima do gato.

Depois, a um sinal combinado, começaram a fazer sua música juntos: o burro zurrava, o cão latia, o gato miava e o galo cacarejava. A seguir, quebrando os vidros da janela, entraram pela casa a dentro, fazendo uma barulhada medonha.

Os ladrões, pensando que algum fantasma havia surgido ali, saíram correndo para a floresta. Os quatro animais sentaram-se à mesa, serviram-se de tudo e procuraram um lugar para dormir. O burro deitou-se num monte de palha, no quintal; o cão, junto da porta, como a vigiar a casa; o gato, junto ao fogão, e o galo encarrapitou-se numa viga do telhado. Como estavam muito cansados, logo adormeceram.

Um pouco além da meia noite, os ladrões, verificando que a luz não brilhava mais dentro da casa, resolveram voltar. O chefe do bando disse aos demais:

- Não devemos ter medo!

E mandou que um entrasse primeiro para examinar a casa. Chegando à casa, o homem dirigiu-se à cozinha para acender um vela. Tomando os olhos do gato, que brilhavam no escuro, por brasas, tentou neles acender um fósforo. O gato, entretanto, não gostou da brincadeira e avançou para ele, cuspiando-o e arranhando-o. Ele tomou um grande susto e correu para a porta dos fundos, mas o cão, que lá estava deitado, mordeu-lhe a perna. O ladrão saiu correndo para o quintal, mas, ao passar pelo burro, levou um coice. O galo, que acordara com o barulho, cantou bem alto: - Có, có, ró, có!!!!

Sempre a correr, o ladrão foi se reunir aos outros, a quem contou:

- Lá dentro há uma horrível bruxa que me arranhou com suas unhas afiadas e me cuspiu no rosto. Perto da porta, há um homem mau que me passou um canivete na perna. No quintal, há um monstro escuro, que me bateu com um pedaço de pau. Além disso tudo, no telhado está sentado um juiz, que gritou bem alto:

“- Traga aqui o patife!!!”... Acho que não devemos voltar lá... é muito perigoso!!

Depois disso, nunca mais os ladrões voltaram à casa, e os quatro músicos de Bremen sentiam-se muito bem lá, onde faziam suas músicas e viviam despreocupados. De vez em quando alguém das redondezas os chamavam e lá iam eles, felizes e contentes, tocar a sua música....”

(ESTÉS: Op. cit., 2005.)

O Romance: narrativa literária que enfoca o ser humano como indivíduo e representa já o mundo burguês. No Renascimento aparece com aspectos pastoril e sentimental, mas é já no séc. XVII que surge como narrativa que dá início ao caráter moderno do gênero.

“A visão-de-mundo, presente na forma romance, apresenta um universo organizado, uno, perfeitamente compreendido em sua globalidade e explicado pela lógica (lei de causa-efeito). Nesse universo, apesar de sua grande complexidade, tudo se estrutura em função de um sistema de valores coesos, e unificados por um pensamento ordenador. A época de ouro do romance começa com o Romantismo, quando o pensamento burguês, cristão, liberal, etc. consolida a interpretação cartesiana do universo (todo fenômeno obedece a uma causa que produz certo efeito que, por sua vez, será causa de novo efeito, e assim por diante). Segundo Nelly Novaes,

“Não é forma privilegiada para a literatura infantil, pois sua natural extensão narrativa em um problema-eixo, exige uma capacidade de concentração e atenção que os intelectualmente imaturos não possuem.

(COELHO: 1997, p.69).

No entanto, a narrativa romanesca que aborda temas atuais palpitantes para os jovens (sexualidade, amor preconceito, protagonismo juvenil, ecologia, droga, relacionamentos, lazer, etc.) tem grande procura, atualmente.

ATIVIDADES



1. Leia os contos *Cinderela* e *Os músicos de Bremen* e estabeleça as diferenças e semelhanças existentes entre eles, observando:
 - a) Características da linguagem
 - b) Características da temática
 - c) O que fez desses contos material atraente para as escolas do século XIX.
2. Descreva as características das personagens dos dois contos e explique qual deles mantém sua proposta de transformações e, superação das condições reais de existência.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Identifique-os pelo que há de comum, por exemplo: de contos. Observe as diferenças e semelhanças através da linguagem e da temática.

3. Elabore um projeto de leitura literária par ser desenvolvido do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, em que os gêneros narrativos sejam amplamente trabalhados, tanto como material de leitura com sugestão de “modelo” de produção textual.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O planejamento de leitura e produção textual na forma de projeto garante ao professor o controle dos resultados de seu trabalho, porque dá visibilidade à proposta. Permite acompanhar os passos/etapas, relatando-os para obter resultados que serão usados como diagnóstico para interferir na qualidade do ensino e do desempenho do aluno.

4. 1º passo: escolha e leia uma obra juvenil da escritora Ana Maria Machado, ou de Marina Colasanti, ou de Bartolomeu Campos de Queirós, ou de Ruth Rocha, ou de João Carlos Marinho, ou de José Louzeiro, ou de Stella Carr, ou de Ricardo Azevedo, Elias José, Jorel Rufino dos Santos (indicar a fonte)

2º passo: a partir de sugestões fornecidas por essa literatura, escreva uma história ou poema, ou uma pecinha de teatro, conforme seu interesse.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Sua obra deve ter começo, meio e fim; deve compor alguma ilustração adequada ao gênero e à fase adolescente do leitor. O texto “A literatura e os estágios psicológicos da criança” do livro *Literatura infantil: teoria, análise, didática* da professora Nelly Novaes Coelho, editora Ática, traz boas informações para ajudar na escolha da obra juvenil. Bom desempenho artístico pra você.

CONCLUSÃO

A abordagem dos gêneros em literatura, fixemo-nos nas formas narrativas e no modo como a escola e os professores podem utilizá-las para fazer um excelente trabalho de formação de crianças e jovens no Ensino Fundamental, contribui para a aquisição e consolidação da linguagem, por meio de práticas de leitura e de produção textual. Para isso, o aproveitamento desse material (literários ou não, pois aí está embutida a idéia de inclusão) é uma opção didática que, bem conduzida, favorece o desempenho acadêmico do aluno e até do professor, pois essa experiência pode ser um caminho didático (planejado e testado) proveitoso, em um momento de múltiplas soluções pedagógicas e de poucos resultados satisfatórios.

Todos os resultados apontam para o caminho da leitura. Mas leitura de quê? Leitura de mundo, por meio da literatura, de textos não-literários, de todas as “medidas” e da nossa própria prática como professores. Do pré-escolar à universidade, o professor “precisa” ser a síntese de todos os objetos de leitura. Assim ele se “mostra” e se confirma, a si próprio a à sua categoria. E o salário, e as condições de trabalho? Entram na luta pela qualidade do ensino, mas não como condição para a efetivação dessa qualidade.



RESUMO

A aula aborda o estudo dos gêneros narrativos na literatura infanto-juvenil. O seu estudo inicia-se no século IV a. C., com o filósofo Aristóteles, na Grécia antiga. A sua obra *Poética* é a própria teoria dos gêneros literários, aqueles consagrados pela academia, até hoje: o lúdico, o épico (narrativo) e o dramático. Mas a Literatura Infanto-Juvenil, originada no século XVII e XVIII da Era Cristã europeia, não se limita a cultivar essas formas consagradas pela elite cultural; pelo contrario, além de exprimir-se por meio dessas formas, ela acolhe as expressões anônimas da cultura popular e do folclore. O mito, a lenda, o conto popular e o conto de fadas, a novela são formas cultivadas pela Literatura Infanto-Juvenil desde a sua origem escola, que atrelou-as a seu conteúdo curricular, quase sempre como material secundário, no Ensino Fundamental, o nível de ensino em que se adquire e se consolida a leitura na criança e no jovem. Nesse momento, o material literário precisa ser conteúdo fundamental e carro-chefe dos demais.



PRÓXIMA AULA

Na aula 4 será tratada a questão da poesia infantil e juvenil, suas características e funções.



AUTOAVALIAÇÃO

Sou capaz de fazer uma leitura crítica de textos infanto-juvenis do gênero narrativo?

Consigo identificar e criar textos infanto-juvenis de variados gêneros, após a realização desta aula?

REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura infantil: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. LITERATURA INFANTIL: Teoria, Análise, Didática. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- _____. O Conto de Fadas. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL/JUVENIL: Das Origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo. 4ªed. Revisada. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- GOTLIB, Nádia Battela. TEORIA DO CONTO. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1985.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. Contos dos Irmãos Grimm. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- JOLLES, André. FORMAS SIMPLES. São Paulo: Cultrix, 1976.
- MEC/SEF. HISTÓRIAS E HISTÓRIAS: Guia do Usuário do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE/99. Brasília: 2001.
- MEIRELES, Cecília. Problemas da Literatura Infantil. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.)
- MELLO, Ana Maria Lisboa Et alii. LITERATURA INFANTO-JUVENIL: Prosa & Poesia. Goiânia: Editora UFG, 1995.
- PAULINO, Graça. Diversidades de narrativas. In: No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.
- SOARES, Angélica. Gêneros Literários. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 2000.
- ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil na escola. 2ª Ed. São Paulo: Global, 1982.
- <http://sitededicas.uol.com.br/folk11.htm>
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Irm%C3%A3os_Grimm